

diferentes idiomas. Durante esse período, escreveu a um amigo de *Le Temps* pleiteando o cargo de correspondente de guerra para fazer a cobertura da campanha ítalo-abissiniana. A proposta foi recusada, mas, ao responder-lhe a carta, o amigo informou-o de que seus poemas, preservados por Verlaine, estavam sendo publicados e lidos em Paris e de que, nos círculos da nova escola simbolista, ele se havia tornado uma figura lendária; fizera-se inclusive uma tentativa de descobrir um novo sistema literário com base num soneto em que ele havia atribuído diferentes cores às vogais. Mas, nesse período, a única preocupação literária de Rimbaud é a de enviar informes à Sociedade Geográfica, e, quando chega a se referir à sua própria poesia, é para rejeitá-la como "absurda" ou "repelente". "Não podia continuar com ela", revelou à irmã, mais tarde. "Teria ficado doido — e, além disso, era porcaria." A única ambição que então admitia era a de ganhar bastante dinheiro para desposar uma jovem francesa e retirar-se do seu atual negócio — "para ter pelo menos um filho com quem possa gastar o resto de minha vida, educando-o de acordo com minhas próprias idéias, cultivando-o e equipando-o com a mais completa educação que se possa obter nesta época; um filho que eu possa ver convertido em engenheiro famoso, poderoso e rico mercê da Ciência."

Certo inverno, contudo, depois de ter vivido doze anos no Oriente, Rimbaud começou a sofrer do que, a princípio, supôs fossem veias varicosas; recusou-se, porém, a ir ao médico: continuou a andar e a cavalgar, como se pudesse dominar mesmo a doença com sua vontade obstinada e brutal; e sua perna acabou inchando de tal maneira que ele foi obrigado a gerir os negócios da cama. Por fim, a dor se tornou tão intensa que se viu compelido a abrir mão de tudo e fazer-se transportar em liteira até Aden — terrível jornada de doze dias, no segundo dos quais permaneceu dezesseis horas sem abrigo, sob chuva torrencial.

O médico inglês em Aden disse a Rimbaud que não tinha condições para tratá-lo adequadamente, e remeteu-o para a França, onde, no hospital de Marselha, amputaram-lhe a perna. Pela última vez, Rimbaud regressou à casa da mãe: tentou andar de muletas, mas a infecção se havia espalhado por todo o organismo. Passou um verão torturante, de dor e de febre, e então, com a idéia fixa de voltar para o Oriente, fez com que o mandassem de volta a Marselha. Ali morreu, assistido apenas pela irmã. Era época de colheita na granja da família, e a ausência da filha foi acriminosamente ressentida pela mãe, que, quando Arthur estava ausente, recusara-se a comprar-lhe instrumentos e livros

com o dinheiro que ele lhe mandara para tanto. Isabelle, a irmã de Rimbaud, nunca soubera, senão após a morte do irmão, quando leu a informação num jornal, que Arthur fora poeta, mas ouviu-o "terminar sua vida numa espécie de sonho contínuo, dizendo coisas estranhas numa voz muito meiga, que me teria encantado se não me houvesse trespassado o coração. O que ele dizia eram sonhos; no entanto, não era o mesmo que quando tivera a febre. Era como se o fizesse de propósito... Misturava toda a espécie de coisas, e com arte." Rimbaud, porém, mesmo no delírio final, estava ainda obcecado pela idéia do Oriente: no leito de morte, insistiu em ditar uma carta a uma companhia de navegação, perguntando qual o preço da passagem e quando poderia ser levado para bordo.

É bem possível que nos sintamos culpados de simplificar exageradamente as coisas ao utilizar as carreiras de certas pessoas para acentuar a moral de situações sociais gerais. Rimbaud, no seu papel de mercador africano, lograra obviamente, enfim, emular com o pai, e a mãe, ambos a um só tempo, repetindo a carreira do pai, que servira em campanhas na Itália, em Argel e na Criméia, com suas deambulações e sua independência intolerante, ao mesmo tempo que, pelo seu caráter sólido de mercador e sua concentração em ganhar dinheiro, estava obtendo a única sorte de êxito que sua mãe poderia entender. Todavia, a vida de Rimbaud tem significação típica: comove-nos, parece pôr-nos à frente uma fase aguda do transe humano, como se se tratasse de uma grande peça teatral. Os outros poetas acerca dos quais venho escrevendo estavam tão pouco a gosto no seu mundo novecentista quanto Rimbaud e, na maioria, igualmente desiludidos de seus entusiasmos; permaneceram, porém, nesse mundo e lograram manter seus lugares nele, excretando, como moluscos pacientes, iridiscuentes conchas de literatura; ao passo que Rimbaud, de gênio igual ou talvez superior ao de qualquer outro, rejeitara inteiramente a Europa — não apenas sua sociedade e idéias, mas mesmo a espécie de sensibilidade que se cultivava ao tentar viver em desavença com ela e a espécie de literatura que tal sensibilidade propiciava —, evadindo-se para uma vida de pura ação e para uma civilização mais primitiva.

E se as ações podem ser comparadas a obras literárias, a vida de Rimbaud parece ser mais satisfatória que as obras de seus contemporâneos simbolistas; mais do que, mesmo, a maioria de seus sucessores simbolistas, que ficaram em casa e se apegaram à literatura. Nem de longe encontrou Rimbaud no Oriente o Estado bárbaro ideal que procurava; mesmo em Harrar, durante seus dias de prosperidade, estava sempre a fumar de raivas e